

## RELATO DE EXPERIÊNCIA E PRÁTICA

### O URBANO IMAGINADO E REPRESENTADO NAS AULAS DE GEOGRAFIA EM ESCOLA DE ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE BARREIRA-CE

Viviane Melo Santos<sup>1</sup>

#### 1 INTRODUÇÃO

Falar sobre o urbano requer uma reflexão crítica das relações sociais, materializadas no espaço geográfico, onde se concretizam sobretudo, a nossa existência. Nas aulas de geografia, especificamente, o que preocupa o professor na hora de abordar a temática urbana? Como falar sobre urbanização, industrialização e seus problemas para alunos do segundo ano do ensino médio, que estavam desde 2020 sem aulas presenciais, fora da escola devido à pandemia do COVID19? Quais os desafios, que nós professores, tivemos e temos que enfrentar em nosso cotidiano escolar? Essas são algumas questões que evidenciam uma angustiante procura por estratégias metodológicas e práticas pedagógicas didáticas, visando a busca pelo interesse dos alunos no ensino de geografia, ou seja, que eles percebam a importância valorosa que a Geografia possui em seu cotidiano, na sua vida. Conforme aponta Cavalcante (2010, p. 01), “os professores de Geografia estão, frequentemente, preocupados em encontrar caminhos para propiciar o interesse coletivo dos alunos, aproximando os temas da espacialidade local e global dos temas da espacialidade vivida no cotidiano”.

A mediação para execução de uma prática pedagógica não pode ser entendida como um diálogo unilateral. Os diálogos foram construídos reconhecendo a literatura existente e atual, compreendendo a abordagem urbana no tempo histórico e acolhendo as indagações, questões que enriqueciam o debate nas aulas. Carlos (2007), através da Geografia, propõe uma forma de pensar sobre a cidade diante do processo de generalização do espaço urbano

---

<sup>1</sup> Professora da Educação Básica (SEDUC/CE); Mestra em Geografia, Pesquisadora do Grupo de Estudos Urbano-Regionais (GRUPE/PPGEO/UFS). Email: vivianemelo.ufs@gmail.com

pelo mundo. É na cidade que se revela a pobreza, desigualdade, classe social, assim como nossas angústias e sofrimentos. É também nela que a ação humana se expande ao longo de um processo histórico e se constrói no passado, presente e futuro. O espaço urbano foi apresentado aos alunos como sendo o lugar que dá sentido às nossas ações ao longo do tempo, do vivido e experienciado que acolhe e segrega conforme as condições sociais e econômicas impostas. Conforme aborda Santos (2012), podemos pensar a geografia historicamente, entendendo o papel do tempo passado e tempo presente no funcionamento do espaço atual.

## 2 MEDIANDO DEBATES SOBRE A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

O principal desafio que permeou a aplicação da prática pedagógica “Imaginando e representando o espaço urbano no tempo passado, presente e futuro” foi pensar uma proposta metodológica de atividade para os alunos do segundo ano “D” da Escola de Ensino Médio Danisio Dalton da Rocha Correa, localizada na cidade de Barreira, Ceará.

Foram considerados os seguintes pontos: os alunos estavam sem aulas presenciais devido à pandemia do COVID 19; como a metodologia expositiva do conteúdo, mediação de debates, exposição de mapas e imagens, além da produção artística de cartaz possibilitariam uma apreensão da temática; o incentivo ao trabalho coletivo e colaborativo, considerando as medidas sanitárias de segurança. Considerando o longo tempo no qual os alunos estavam fora do ambiente da sala de aula, pensou-se de início em explorar os conhecimentos prévios sobre a temática urbana. Quando pensamos e falamos em urbanização, logo pensamos em cidade. A observação da paisagem de um grande centro urbano foi a nossa primeira atividade para refletirmos sobre os aspectos morfológicos que caracterizam as cidades diante do que apresenta Ortigoza (2010, p. 81): “a paisagem é a materialização mais imediata e momentânea da vida social, e, portanto, precisa ser analisada no contexto do cotidiano, das representações da natureza e dos seus significados”. Os elementos aparentes, como prédios e casas, ruas asfaltadas, fluxo intenso de pessoas e veículos, pouca arborização, oferta de serviços no centro comercial e forte luminosidade, foram observados e descritos dialogando com a paisagem urbana local. Fora realizada uma comparação de paisagens com o espaço urbano vivido no cotidiano dos alunos com a paisagem de uma grande metrópole industrializada, buscando identificar quais elementos aproximavam e distanciavam as realidades. Evidenciou-se uma busca pela memória na tentativa de descrever como o espaço urbano da cidade de Barreira, no Ceará, foi e vem crescendo, ganhando forma, continuidades e discontinuidades, texturas e amplitude. Como demonstra Abreu (1998), a valorização do passado das cidades

em que a memória urbana reflete uma relação identitária na busca de superação da homogeneização dos espaços urbanos e sobrevivência da individualidade e singularidade dos lugares.

O passado se constitui numa condição substancial para buscar as singularidades dos espaços urbanos. Historicamente contextualizada, a paisagem urbana foi percebida através da relação sociedade/natureza no tempo histórico em que surgiram as primeiras cidades, há cerca de 3.500 anos a. C., na região da Mesopotâmia. Nesse sentido, foi levantada a discussão do surgimento das primeiras cidades no mundo, a expansão do feudalismo e sua relação com as cidades europeias entrando em decadência, com uma economia voltada mais para o interior dos feudos, restringindo a atividade comercial nas cidades. Identificamos uma morfologia de cidades medievais com características da paisagem ‘natural’ evidenciadas pelas árvores, estradas de chão, construções rústicas. Todavia, com ressurgimento do comércio mercantil, aos poucos as cidades voltam às suas funções econômicas, crescendo a burguesia comercial, com destaque para Paris e Veneza.

As aulas expositivas e dialogadas possibilitaram discussões e reflexões críticas sobre a relação entre o capitalismo, industrialização e urbanização. Refletimos sobre a relação desigual do processo de urbanização nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, de modo a compreender porque foi tardia o nosso processo industrial. Esse processo de desenvolvimento desigual e combinado da produção capitalista elucida uma lógica das contradições econômicas e sociais dos países no tempo e espaço. Temos, portanto, a Europa com seu processo industrial desenvolvido, alimentado pelas matérias-primas da América e da África, ou seja, se o capital cresceu num lugar, em uma única mão, é porque foi retirado de muitas outras mãos de outros lugares, no entendimento de Marx (2017). Se por um lado surge o processo permanente na acumulação e concentração de capital como objetivo final, a centralização de capitais existentes em poucas mãos, o que torna muito mais lucrativa, por outro lado, cresce uma privação para muitos de seu capital.

Quanto maior é a centralização do capital, mais importante se torna o nível de diferenciação geográfica, uma vez que maiores capitais estão operando na escala nacional e internacional, mais do que na escala local e podem, desse modo, tirar proveito das diferenciações nessa escala. (SMITH, 1988, p. 209)

Esse processo de industrialização vai se encaminhando estrategicamente para os países pobres de forma lenta, tardia e sem o devido planejamento do espaço.

As desigualdades geográficas do desenvolvimento capitalista vão tomando proporções e dimensões singulares em cada lugar. Para a realidade brasileira, foi questionado em sala de

aula se todo o território se urbanizou de forma homogênea, igualitária. Através de um mapa sobre a taxa de urbanização no ano de 2013, podemos identificar que, embora elevada, apresenta diferenciações significativas. Verificamos os índices mais elevados nas regiões Sudeste, Sul e parte do Centro-Oeste, com destaque para São Paulo e Rio de Janeiro com taxa acima de 96%. Já as regiões Norte e Nordeste tiveram os índices menos elevados, com destaque para o Maranhão, o qual obteve a menor taxa de urbanização, 58%.

Seguindo nossa discussão, entramos no assunto urbanização e metropolização no Brasil com o objetivo de compreender o crescimento dessas regiões. Trabalhamos conceitos como os de metrópole e região metropolitana, conurbação, expansão vertical e horizontal, áreas centrais, periferias, desigualdades, especulação imobiliária, segregação social e urbana, concentração e desconcentração das atividades industriais, interiorização do crescimento econômico, incentivos fiscais, a rede e hierarquia urbana.

Para Gonçalves (2011), a mobilidade da população reflete o grau de integração, o papel, as funções e a complementariedade dos municípios que compõem a região metropolitana, quando relacionadas com o fenômeno da metropolização. Isso nos ajuda a compreender que Fortaleza cresceu de modo acelerado nas últimas décadas com a expansão da malha urbana, os fluxos de população e mercadorias, informações, indústria, tecnologia, oferta de serviços e a rede de transporte interligada. Na observação do mapa da região metropolitana de Fortaleza, os alunos identificaram os municípios de Chorozinho, Pacajus e Horizonte, porque são os mais próximos da cidade de Barreira. Vale ressaltar o desconhecimento sobre a região metropolitana de Fortaleza, visto que ainda não tinha sido apresentada para eles. Foi possível observar porque os alunos não sabiam que tais municípios faziam parte de uma região metropolitana. A ideia que estava sendo formada foi como se esses municípios fossem mais desenvolvidos do que a cidade deles.

Partindo desta comparação, eles relataram as aproximações e distanciamentos do seu lugar em relação aos três municípios citados, como a presença de shoppings centers, loteamentos que estão sendo comercializados nas proximidades, uma infraestrutura planejada, maior oferta de serviços e centros comerciais maiores e dinâmicos decorrente da presença de empresas de grande porte internacional, nacional e regional, distritos industriais e maior absorção da força de trabalho, ao citarem vários parentes e amigos que trabalham nessas cidades próximas. Desta forma, foi uma mediação valorosa porque a intenção foi justamente de aproximar a teoria do conteúdo com a realidade vivida por eles.

### 3 PENSANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA SALA DE AULA

Propor uma atividade pedagógica em sala de aula no contexto de pandemia requereu uma atenção maior para as medidas sanitárias de higiene para combater a transmissão da Covid-19. Isto porque a prática pedagógica “Imaginando e representando o espaço urbano no tempo passado, presente e futuro” demandou um trabalho intenso e colaborativo entre os alunos.

Antes da efetivação da atividade prática lúdica, a metodologia caminhou conforme as aulas expositivas dialogadas no período de 4 meses, distribuídas em 2 aulas semanais seguidas, exposição de imagens e mapas, aproximação do conteúdo teórico com a realidade vivida, para então seguir com a exibição do filme *O menino e o mundo* e aplicação de uma atividade sobre a música de Chico Buarque de Hollanda, *A Banda*. A exibição do filme após as aulas expositivas contribui para uma apreensão e consolidação do conteúdo, na medida em que temos a possibilidade de resgatar os assuntos vistos anteriormente.

No caso específico do filme *O menino e o mundo*, uma animação que foi escrita e dirigida em 2013 por Alê Abreu e indicada ao Oscar 2016 como melhor filme de animação, a proposta foi trazer para a discussão as questões como a relação campo/cidade, porque não se pode estudar a temática urbana sem estabelecer as aproximações com o rural; a migração campo/cidade em busca de trabalho e melhores condições de vida decorrente da mecanização das atividades agrícolas e do desemprego. Comparamos a atividade nas fábricas que inicialmente demandava força de trabalho, mas com o passar do desenvolvimento do processo industrial, essa força de trabalho foi dispensada para dar lugar à mecanização na indústria. Observamos a morfologia da paisagem comparando o espaço rural vivido pelo personagem com o espaço urbano, no qual as cidades apresentavam forma de pirâmide, demonstrando a desigualdade social e econômica, a poluição das ruas, além da poluição visual e sonora das propagandas e comerciais. Outro ponto importante foi a crescente destruição da natureza em detrimento da demanda de consumo capitalista e a usura pelo lucro, segregando as pessoas pelo poder de compra das mercadorias.

A mensagem expressada pelo filme revela claramente a sociedade atual em que vivemos, na qual se supervaloriza a produção do espaço urbano como sendo atrativa. Se por um lado, esse atrativo conquista as massas de trabalhadores em busca de condições de vida melhores, por outro, segrega-os e os exclui da possibilidade de viver e usufruir do fruto do seu trabalho, impondo uma alimentação desnutrida, enlatada e uma moradia indigna longe do

centro urbano. Essas questões foram nosso alvo de debate e reflexão para então eles elaborarem um resumo crítico sobre o filme.

No que se refere à atividade sobre a música *A Banda*, a ideia consistiu em analisar a vivência da população nos centros urbanos, sugerindo um entendimento de que a cidade não se importava ao ver a banda passar. Ou seja, as pessoas de classe social baixa que sofre com os diversos problemas sociais e econômicos, a exemplo do crescente desemprego e a miséria. Na medida que a banda passava pelo centro da cidade, vai se desvelando os mais variados personagens com seus respectivos problemas, carregando os sentimentos de solidão e tristeza que, mesmo assim, cantam para amenizar suas angústias e flagelos cotidianos. No entanto, esses personagens serão logo esquecidos depois que a banda passar porque o individualismo, a segregação e a indiferença persistem na rotina da cidade.

Na sequência, após as atividades com o filme e a música, partimos para a prática pedagógica lúdica “Imaginando e representando o espaço urbano no tempo passado, presente e futuro”. Vieira (2014, p. 8) salienta que “a palavra ‘lúdico’ vem do latim ‘ludus’ e significa brincar, onde neste significado estão incluídos os jogos, brinquedos, divertimentos e, respectivamente, a conduta daquele que joga, que brinca e que se diverte”. O lúdico que foi trabalhado em sala de aula consiste na pintura em cartaz com o intuito de representar o espaço urbano imaginado e sentido pelos alunos. Diante de todos os conteúdos que vimos em aula, a preocupação com essa atividade lúdica consistiu em pensar como eles poderiam abstrair as ideias usando da criatividade artística, suas habilidades, competências e imaginação no criar.

Moscovici (2009, p. 216) demonstra que “representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo”. Ao representar um espaço urbano, os alunos estavam expressando modos de pensar, compreender e agir sobre o que aprenderam, e assim poder construir seus próprios conceitos representados socialmente e ideologicamente. Isto porque, a distância entre o pensar e representar uma ideia na prática não elimina os interesses, conflitos e questões que permeiam as relações sociais nas quais estamos inseridos.

A relação entre o ensino e aprendizagem a partir da representação nessa proposta de prática pedagógica direciona a construção de um pensar crítico, consciente e reflexivo das questões sociais, econômicas, culturais e ambientais porque estimula a compreensão de uma totalidade de relações nas quais são estabelecidas as produções, dominações e apropriações dos espaços urbanos, de acordo com os interesses da classe dominante, a qual detém o poder.

A turma foi dividida em três grupos com aproximadamente 8 pessoas. Eles tiveram 100 minutos para representar no papel o espaço urbano no passado, presente e futuro.



Figura 1: A cidade Sertão Dourado representada no passado. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 2: A cidade Veneza Moderna representada no presente. Fonte: arquivo pessoal.

Nota-se que o nome da cidade *Sertão Dourado* (Figura 1) reflete o cotidiano no qual eles estão inseridos, ou seja, numa região de semiárido que chove de forma irregular durante todo o ano. Podemos observar uma tentativa de representar uma cidade marcada pelos aspectos naturais, bucólico, rústico, como demonstrado na cacimba, no lago e na presença das

árvores rodeadas de casas mais humildes. É uma revelação da simplicidade marcada da existência de um modo de vida tranquilo, em comunidade, sobremodo apegado à natureza. Obviamente, essa representação não exclui as relações de conflitos. Vale ressaltar a pouca dinâmica comercial existente, lembrando das atividades de subsistência produzidas pela comunidade, e a venda do seu excedente comercial para outras localidades.

Representa-se o conhecimento sobre algo familiar e sensível porque a cacimba faz parte da realidade deles, devido à escassez de água na região do semiárido, e um ar de cidade pacata como na pracinha e crianças brincando. O pensamento e a ação estão interligados em uma dinâmica que visou resgatar o surgimento das primeiras cidades no mundo e no Brasil, estrategicamente localizadas próximas das fontes naturais que garantem a sobrevivência humana, como os rios, possibilitando o consumo próprio da população com o abastecimento de água, o plantio de culturas agrícolas, o escoamento de mercadorias e as trocas comerciais com outros locais, ainda que numa dimensão e escala menor.

Representar Veneza no presente (Figura 2) significa resgatar como essa cidade foi e é importante para a dinâmica capitalista. Sua arquitetura histórica, rodeada por ilhas e canais revelam a potência econômica marítima que a cidade representou no contexto da Idade Média e do Renascimento com a venda de sedas, fibras e especiarias. A cidade italiana mantinha estreitas relações comerciais com o Oriente por meio dos mares Egeu e Adriático. A queda de Constantinopla em 1453 marcou o princípio da decadência. A descoberta do caminho marítimo para a Índia em 1498 e a conquista da América em 1492 deslocaram as rotas de comércio e Veneza viu-se obrigada a sustentar uma luta esgotante contra os turcos otomanos. Em 1797, foi invadida pelas tropas de Napoleão Bonaparte.

Hoje, Veneza é considerada uma forte potência turística mundial que atrai pessoas que visam conhecer sua história e que buscam tranquilidade nos canais mais famosos do mundo. A objetivação em dar sentido a essa representação foi produzir um conhecimento adquirido, considerando comportamentos e posicionamentos de um imaginário, resgatando um passado político, econômico e social lidos no contexto histórico presente.

Na Figura 3 é notável uma apreensão futurista da morfologia das cidades. Os prédios modernos e luxuosos refletem as grandes empresas multinacionais instaladas, rede de transporte terrestre expressada pelo trem de alta tecnologia. O meio técnico-científico-informacional é revelado para dar sustentação ao mercado capitalista global, conforme Santos (2006, p. 160): “a mesma forma como participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies, a ciência e a tecnologia, junto com a informação, estão na



própria base da produção, da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a constituir o seu substrato”.



Figura 3: A cidade Icity representada no futuro. Fonte: arquivo pessoal.

Se por um lado, a escolha do nome *Icity* reflete essa inovação na morfologia da cidade futurista, por outro lado, as consequências do desenvolvimento tecnológico impactam diretamente a natureza como demonstrado no desmatamento das florestas, a poluição dos rios, a matança dos animais e a crescente poluição atmosférica, o que contribui no aumento do aquecimento global no mundo.

As grandes cidades cuja presença tem um papel de aceleração das relações predatórias entre o homem e o meio, impondo mudanças radicais à natureza. Surgem como elementos centrais na produção do que se convencionou chamar de crise ecológica, cuja interpretação não pode ser feita sem levar em conta, mais uma vez, a tipologia dos objetos técnicos e as motivações de seu uso no presente período histórico (SANTOS, 2006, p. 170).

Essas consequências ambientais e sociais são resultantes da busca lucrativa da ganância do capital que explora e destrói a natureza para atender a demanda do consumo capitalista. O interessante a pontuar é a estreita relação estabelecida do crescimento tecnológico industrial com a destruição do nosso bem maior, que é a natureza.

Essa aproximação com o conteúdo visto em sala de aula, bem como no filme *O menino e o mundo*, retratam a percepção sensível de como a proposta de sociedade capitalista em construção está se encaminhando para um futuro perigoso, o qual coloca toda a

humanidade em risco. A coerência nas representações argumenta que as cidades passaram por processos de transformações em sua morfologia da paisagem, estrutura, relações sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais, em consonância com a demanda da produção capitalista do espaço. Os alunos trouxeram características ausentes e presentes no tempo histórico de cada representação, tendo o passado como referência para se entender o presente e pensar um futuro.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar em tempos de pandemia não é tarefa simples. Em quatro meses imergimos na história e nas contradições do urbano. O longo tempo no qual passamos isolados, distantes do convívio social, tornou um desafio o trabalho em equipe. Tomando todas as medidas sanitárias de higiene, como uso constante do álcool em gel e da máscara, fomos contornando as barreiras da individualidade. O trabalho colaborativo dos alunos permitiu a inclusão de todos eles presentes na aula.

A metodologia trabalhada atendeu as necessidades individuais, contribuindo para um ensino personalizado de cada um deles. Isto porque, as aulas expositivas permitiram a reflexão do assunto relacionando local-global; a exibição de mapas, imagens, atividade escrita e o filme o qual foi importante para relembrar o conteúdo e visualizar as questões que permeiam o debate sobre o espaço urbano. Já a atividade prática foi posta como meio de envolver aqueles que estavam mais tímidos nos debates, porém tornaram-se protagonistas no desenvolvimento criativo de suas habilidades e competências artísticas com a pintura no cartaz.

O sentimento que tomava conta da sala de aula era o desejo e a sede de aprender. Aluno e professora foram guiados pelo prazer de conhecer, experimentar, criar e imaginar. O ensino de geografia não pode em hipótese alguma ser dissociado do cotidiano. A maior parte dos alunos da Escola de Ensino Médio Danisio Dalton da Rocha Correa é das localidades ou distritos rurais. Mais um motivo para que a relação campo/cidade e sociedade/natureza estejam presentes no conteúdo a serem trabalhados nas aulas. Desta forma, estabelecer relações de aproximação da teoria com o vivido pelos alunos é tarefa indispensável do professor de geografia. O ensino de geografia deve estar voltado para às necessidades deles porque convida e instiga o interesse do aluno pelo debate, questionamento da realidade social na qual ele está vivendo todos os dias.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras - Geografia**, Porto, série I, v. XIV, p. 77-97, 1998. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/geografia/issue/view/543>>. Acesso em 16/01/2023.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. *In: Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais, I. Anais...* Belo Horizonte, novembro de 2010.

GONÇALVES, Tiago Estevam. Região Metropolitana de Fortaleza: o município de Caucaia na dinâmica de integração e mobilidade intrametropolitana. **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 12, n. 40, p. 144-154, 2011.

MARTINEZ, Rogério; VIDAL, Wanessa P. G. **#Contato geografia 2 ano**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2016.

MARX, Karl. **O Capital** [Livro III]: crítica da economia política: o processo global da produção capitalista. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6. ed. Petrópolis-Rj: Vozes, 2009.

ORTIGOZA, S. A. G. **Paisagens do consumo: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul**. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. São Paulo: EDUSP, 2012.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

VIEIRA, Ana Carla da S. **O lúdico como prática pedagógica para a aprendizagem na educação infantil**. 2014. 8 f. Artigo – Curso de Licenciatura plena em Pedagogia, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/3513>>. Acesso em: 20 out. 2021.

Recebido em 16/01/2023.

Aceito em 19/04/2023.